



*Urudjiá*

*Por Juliana Borges*





Eu tinha vindo para ali, para o sertão do Norte, como todos uma hora vêm.  
Eu tinha vindo quase sem mesmo notar que vinha – mas presado, precisão de  
agenciar um resto melhor para a minha vida.

# Urudiá

Esse livro tem como inspiração a obra “Grande Sertão Veredas”, de João Guimarães Rosa. Além de resgatar uma linguagem característica da região, a obra de Rosa também é marcada por neologismos, pela escolha poética de palavras e pelo vasto conhecimento do autor em outros idiomas, o que resulta em uma significação muito maior e profunda do texto narrado. A escolha do título Urudiá deu-se com base na junção de dois elementos, pelos quais o personagem principal da trama, Riobaldo Tatarana, demonstra grande carinho e apreço: Urucuia e Diadorim. “Uru”, em Tupi-Guarani, significa “Ave” e “Diá” origina-se do grego “através”. A ideia dessa mistura é a do “Pássaro que atravessa”, que por instantes se torna parte da paisagem, mas sem pertencer a lugar nenhum. Como bem disse Riobaldo: “Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando área com pendurado pé, com olhar remedindo a alegria e as misérias todas...” Como uma ave que passa, não posso trazer uma descrição profunda e tão significativa quanto a de quem vive essa realidade, porém posso contar do que vi, vivi e senti ao atravessar essas estradas de areia, banhadas de rios e veredas, por entre vãos, paredões e matas. Essa é a minha travessia.

# Projeto *Revivendo Êxodos*

Meu primeiro contato com Guimarães Rosa e o sertão mineiro foi através do Projeto Re(vi)vido Êxodos. Um projeto de escolas públicas criado pela iniciativa de quatro professores do Centro de Ensino Médio Setor Leste. Este projeto tem como base a tríade: identidade, patrimônio e meio ambiente. Nasceu em 2001 inspirado na exposição Êxodos, do fotógrafo Sebastião Salgado.

No ano de 2008, foi comemorado o centenário do Guimarães Rosa e o projeto realizou uma caminhada de 15 dias pelo norte de Minas Gerais, proporcionando

aos alunos uma imersão no universo sertanejo narrado nas obras do autor. Foram 300 km percorridos a pé, com acampamento e pouso em 9 cidades. A primeira cidade visitada foi a Chapada Gaúcha e assim eu avistei pela primeira vez o Vão dos Buracos, do Mirante.

A maioria dos alunos nunca havia tirado leite da vaca ou contemplado um céu tão estrelado, mas para mim, que venho do sertão nordestino, tudo aquilo já era familiar. A diferença que me marcou foi ver pela primeira vez essa cultura tão menosprezada sendo valorizada.

O correr da vida embrulha tudo,  
a vida é assim: esquenta  
e esfria, aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente  
é coragem.





Porque eu só preciso de pés livres,  
de mãos dadas, e de olhos bem abertos.

## Encontro dos Povos do *Grande Sertão Veredas*

O Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas ocorre anualmente entre os dias 12 a 15 de julho, no município de Chapada Gaúcha (MG). Em 2012 estava em sua 11ª edição, ano do Centenário do Rei do Baião: Luiz Gonzaga. O evento tem por objetivo valorizar a cultura dos povos locais. São eles: gaúchos, mineiros, sertanejos, vazantes, ribeirinhos e índios xakriabás.

No referido ano o encontro foi realizado pelo Instituto Rosa e Sertão em conjunto com a Prefeitura Municipal de Chapada Gaúcha, ADISC, parceiros, e 11 prefeituras municipais do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu.

Tive a oportunidade de trabalhar como voluntária, me aproximando um pouco mais daquela região e dos moradores das comunidades. Avistei novamente o Vão dos Buracos pelo Mirante e sonhei em poder entrar lá e conhecer os moradores daquelas pequenas casas avistadas ao longe.

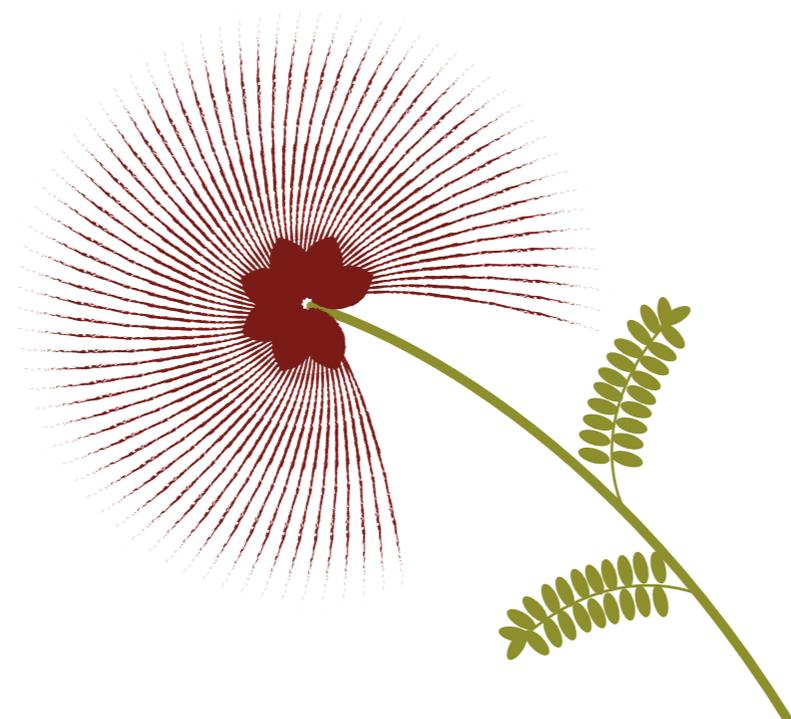
Esse encontro consegue unir em um mesmo espaço culturas tão opostas como a mineira e a gaúcha que habitam a região. Nesse espaço, suas danças, versos, brincadeiras e fé ganham visibilidade.

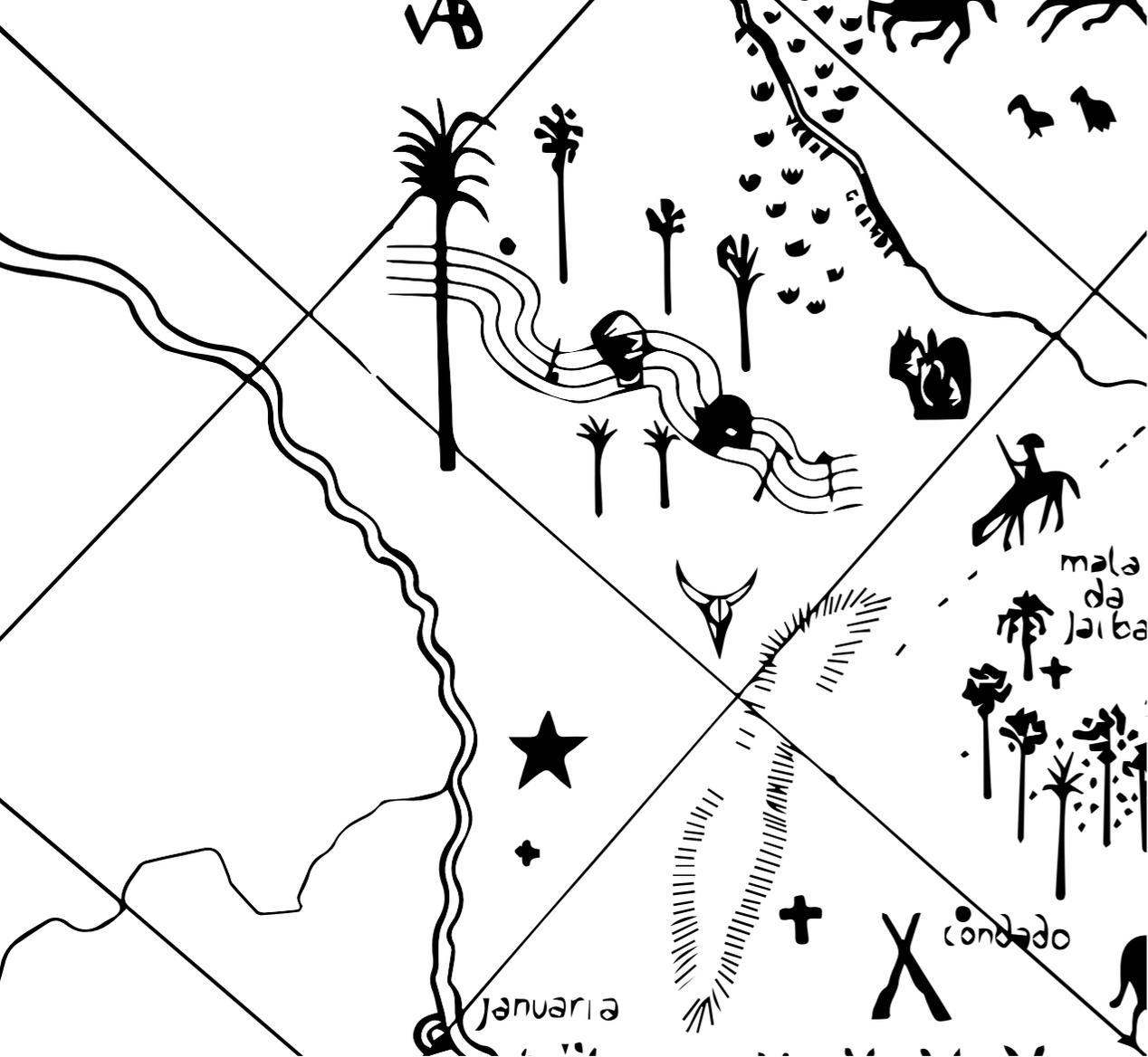
# Instituto *Rosa e Sertão*

O Instituto Rosa e Sertão é um dos maiores mobilizadores da cidade de Chapada Gaúcha. É muito inspirador o encatamento, amor, dedicação e garra das fundadoras e irmãs: Diana, Damiana e Daiana. Elas fazem parte dos que lutam para implementar na região um turismo de base comunitária que busca exaltar a cultura popular, valorizar os moradores e suas tradições e gerar renda de forma sustentável para a população local.

O Instituto promove treinamentos, cursos e especializações às comunidades, capacitando-as para o recebimento de turistas. Todo o seu trabalho é voltado para reforçar as raízes da cultura brasileira e exaltar aquilo que é nosso, como o buriti, pequi, cagaita, danças de roda, versos, lundu e a catira.

O que tem de ser  
tem muita força.





Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.

## Projeto *Caminho do Sertão*

O Caminho do Sertão é realizado pela Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Vale do Rio Urucuia em correalização com a Prefeitura Municipal de Arinos, com patrocínio da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Teve sua primeira edição em 2014, da qual pude participar, percorrendo a pé 160 km durante sete dias. A inspiração para o trajeto foi o percurso feito por Riobaldo, personagem central da obra Grande Sertão Veredas.

Como na obra, o roteiro ocorre no norte de Minas à esquerda do Rio São Francisco e faz parte da travessia em direção ao Liso Sussuarão. Esse projeto foi idealizado pelo deputado Almir Paraka, com o apoio de estudiosos como Gustavo Meyer. Ele tem o intuito de incentivar

o turismo, estimular a preservação do cerrado, proporcionar uma imersão no universo Roseano e valorizar a cultura das comunidades sertanejas. Conforme dito pelo próprio fundador também há algo de espiritual nesse Caminho que transcende. Ao cruzar o seu Liso Sussuarão individual, por essas estradas de areia, ninguém volta a ser o mesmo.

Uma das pessoas mais interessantes dessa caminhada eco-literária é a dona Geralda, sertaneja, contadora de causos e moradora da Fazenda Menino, onde por diversas vezes foi perseguida, durante a ditadura militar, acusada de comunismo, sem sequer saber o que isso significa. O café moído na hora, pelo seu marido Seu José, dá um sabor gostoso na vida.

# Escola Municipal *Ribeirão de Aveia*

A Escola Municipal Onias Torres Guedes acolhe alunos que moram nas comunidades próximas a cidade de Chapada Gaúcha. A prefeitura disponibiliza ônibus com motorista para o transporte desses alunos. Como eu não tinha carro e precisava chegar à essas comunidades de difícil acesso, ofereci uma oficina de malabres para os alunos desta escola e assim consegui carona com eles para chegar até meu destino.

Durante o trajeto me aproximei bastante destes alunos. Na chegada, eles me ajudaram a carregar o material da oficina e descer a serra da Comunidade de Buraquinhos, que avistei pela primeira vez depois que o sol se pôs.



Pergunto coisas ao buriti, e o que ele responde: a coragem minha.  
Buriti quer todo azul e não se aparta de sua água, carece de espelho.  
Mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende.



# *Maria*

## Comunidade de Buraquinhos

A primeira casa que me abrigou foi a da Maria, esposa de Tico, líder da Comunidade de Buraquinhos. Nos dias em que estive lá a casa estava sempre cheia. O esposo de Maria é conhecido por seus artesanatos feitos de buriti. Produz esculturas e móveis. Contudo, ele não esteve na comunidade no período em que estive lá. Me emocionou o tratamento que recebi, pois me proporcionaram uma estadia muito confortável. Todo esse cuidado somado à um toque de calor humano e carinho que não se encontra em lugar nenhum do mundo. Só quem é do interior sabe.



Na praias à beira do Rio Pardo os garotos da comunidade montaram um campo de futebol. Foi um verdadeiro trabalho de equipe e uma aula de iniciativa e atitude. Com a seda do buriti demarcaram os limites no chão e amarraram as traves. O lanche da manhã foi colhido na hora e lembrou a minha infância com o quebrar do coco babaçu. As crianças aqui são extremamente independentes, educadas e conscientes em relação a segurança. Quando entrei no campo, todos ficaram muito atônitos, mas logo deduziram: “Ah! ela é ruim de bola.” Futebol é brincadeira séria e muito marcante entre os jovens. Além das peladas constantes entre amigos próximos, são realizados também campeonatos entre as comunidades locais, porém não vi mulheres jogando nos lugares onde estive.

O corpo não traslada,  
mas muito sabe,  
adivinha se não  
entende. Perto  
de muita água,  
tudo é feliz.





Os traços marcantes remetem à origem Quilombola da Comunidade de Buraquinhos. O corte de cabelo era o mesmo em todos os jovens dessa comunidade, inspirados pelo jogador Neymar.



A beleza de Raquel e sua personalidade. Diferente de muitas crianças de sua idade ela possui uma maturidade e independência surpreendente e cativante.



# João Grilo

## Comunidade de Buraquinhos

Seu João Grilo é uma das pessoas mais agradáveis com quem conversei. Tem prosa fácil, vasto conhecimento sobre a história da comunidade de Buraquinhos e sobre métodos sustentáveis de se viver em uma área de Corredor Ecológico. Sua casa possui um pomar que é irrigado por um sistema de reaproveitamento de água idealizado e implementado por ele. Pude colher laranja no pé e provar na hora. Algo muito emocionante e gostoso de se fazer. Tomei vinho de jatobá, extraído por ele do caule da árvore. Fumei de seu fumo de rolo, feito em palha de milho, plantado no quintal, curtido na cachaça e enrolado

na perna de sua esposa, dona Maria. Na casa de seu João Grilo, quando estive lá, só havia homens. Ele e mais dois filhos. Me chamou a atenção o tamanho respeito que tiveram por mim. Um respeito tão grande e sincero que não foi manifesto em palavras, mas que de longe pude sentir. Uma das maiores preocupações deste sertanejo e de muitos outros com quem conversei é a recente venda de terras de dentro da comunidade para pessoas de fora, que estão derrubando o cerrado para o plantio de capim. As árvores derrubadas pelos novos vizinhos serviam de alimento para a população ribeirinha.

“A coisa que eu mais tenho medo é a sede. Fome a gente mata com qualquer coisa, manga, coco. Agora sede a gente só mata com água. Se toma refrigerante a sede rapidinho torna a voltar, mas com água ela passa.”

(João Grilo)





# *Dona Balbina*

Fazenda Inhumas



O mais distante que consegui chegar pela serra que dá acesso à comunidade de Buraquinhos foi na Fazenda Inhumas, que recebe esse nome por ser banhada e abastecida por esse rio. Nessa fazenda vive a família de dona Balbina, ou Nenzinha para os mais íntimos. Seu Zé Domingo, esposo de dona Balbina, é um homem que trabalha no roçado, de mãos calejadas e coração doce. Foi um dos alunos mais aplicados que tive em minhas oficinas de malabares.

Carece de  
ter coragem.  
Carece de ter  
muita coragem.





Uma das portas de entrada para a comunidade de Buracos é essa venda, conhecida como “ponto do Valdemar”, mas que hoje é residida pelo Seu Pompiano. Ao chegar de ônibus ou carro esse é o principal ponto de desembarque. Valdemar ficou conhecido pelas festas proporcionadas durante muitos anos que atraíam moradores das cidades mais próximas.

Verdade, que se chama, no sertão: é uma beira de barranco, com uma venda, uma casa, um curral e um paiol de depósito.







# Seu Zezo

## Comunidade de Buracos

O senhor José Corrêa Quintal, mais conhecido como o seu Zezo, foi o primeiro presidente eleito da comunidade de Buracos e atualmente reinicia um novo mandato nessa função, após alguns anos trabalhando como líder no sindicato dos trabalhadores rurais da Chapada Gaúcha. Seu Zezo deu aula na escola de ensino básico dessa comunidade no ano de 1983 e foi nascido e criado no Vão dos Buracos. Viu de perto a chegada dos gaúchos na região e é testemunha de como a infraestrutura local foi melhorando com a chegada desses novos moradores. Antes, para comprar roupa, remédios ou itens em geral, era necessário ir à cidades mais

próximas como a Serra das Araras e Arinos. Essa jornada era feita em carros de boi e poderia levar alguns dias, muito diferente de hoje em que a cidade é autossuficiente. Seu Zezo é um grande ativista atuante e engajado em iniciativas para gerar renda para essas comunidades através do extrativismo.

A família do seu Zezo foi uma das mais acolhedoras e por quem eu mais me apeguei com carinho. A sua esposa, Dona Dilma é uma das mulheres mais incríveis, fortes e doces que eu já conheci. Ela produz esteiras de material reciclado utilizando bilros, com técnica aprendida por suas ancestrais.

Querer bem não tem beiradas.

Toda jornada do herói tem um ser que ilumina o caminho. Na obra de Guimarães Rosa esse personagem é Diadorim, seu amigo e parceiro “mano-oh-mano”. Em minha jornada foi Willians. Esse jovem que conheci no ônibus no primeiro dia, antes de chegar à escola do Ribeirão de Areia, e que reencontrei ao sair da Comunidade de Buraquinhos. Ele foi meu anfitrião na comunidade de Buracos e me conduziu inúmeras vezes pelo sertão a dentro. Como um amigo querido também visitou a minha casa e conheceu um pouco dessa cidade tão indigesta com os sertanejos que chegam. Willians é filho de seu Zezo. Fico intrigada em como a vida acontece e como as coisas que tem de ser se encontram naturalmente nessa teia tão vasta. Ao longo desse trabalho Willians casou-se com Adriana e teve um filho ao qual deu o nome de Wélysson. Voltarei em breve para conhecê-lo. Tenho certeza que, como o avô e o pai, será mais um cancionista desse Vão que é lindo e rico em cultura, vida e amor.

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.





Deus vem vindo:  
ninguém não vê.  
Ele faz é na lei do  
mansinho – assim  
é o milagre.

# Folia de Reis

## Terno do Seu Zezo

Uma atividade cultural e religiosa muito presente na região é o Terno de Folia de Reis. Fui convidada para o giro de sete dias junto aos moradores da Comunidade de Buracos, em um terno coordenado pelo Seu Zezo, que foi realizado em comunidades locais como o Ribeirão de Areia, Cafarnaum e Buracos.

A romaria ocorreu entre os dias 30 de dezembro e 6 de janeiro (dia dos Santos Reis) e os foliões após pegar a toalha branca que devem usar em volta do pescoço assumem um compromisso de acompanhar o terno até o último dia.

Essa é uma festa que envolve toda a família. Os homens costumam ser os tocadores, enquanto as esposas os acompanham no terno e conduzem os versos de lundu e danças como a curraleira. Pessoas de todas as idades acompanham a folia.

Os romeiros passam nas casas em que são convidados para cantar o terno e fazer as orações. São oferecidos bois e refeições aos foliões que cumprem um protocolo mediante cada oferenda. No caso de bois é necessário cantar o terno no curral antes do abate.

É muito comum pagar promessas que foram feitas aos Santos Reis, na imagem ao lado a promessa foi feita para que a saúde desse lindo menino fosse recuperada.











O sertão é do tamanho do mundo.



**UnB**

